

Considerações sobre a parábola judaica, a partir de uma dissertação de mestrado

Pedro Paulo A. Funari¹

Começo por esclarecer que esse artigo resulta da leitura de uma original dissertação de mestrado, cuja abrangência e relevância será do maior interesse para todos os que se voltam para o Jesus histórico. Tenho tratado de temas relativos à cultura judaica², em geral, e, em particular, no que se refere ao contexto judaico de Jesus. Daí a relevância de uma dissertação de mestrado, defendida há pouco, sobre um tema central dessa temática: as parábolas.

Nem sempre uma dissertação de mestrado é original ou inspiradora, mas, às vezes, seja pelo tema, seja pela qualidade dos argumentos, seja por ambos, um estudo acadêmico que poderia ser apenas descritivo induz à reflexão. Este é o caso da obra de Pascal Jean André Roger Peuzé³, *A parábola-metáfora na literatura rabínica. O mashal à luz dos trabalhos de Paul Ricoeur e Jonáh Fraenkel*, dissertação defendida no programa de pós-graduação em Língua hebraica, literatura e cultura judaicas da Universidade de São Paulo (04-02-2011), sob orientação de Moacir Amâncio. A parábola é, talvez, a mais conhecida e popular narrativa na tradição ocidental, sendo objeto de atenção tanto por parte das pessoas comuns, como dos estudiosos. Isso se acentuou ainda mais nas últimas décadas, quando da busca dos modos de pensar dos judeus na Antiguidade e, em particular, em Jesus, pois "as parábolas passaram a ocupar um papel central na

¹ Professor Titular do Departamento de História, Coordenador do Centro de Estudos Avançados da Unicamp.

² Cf. Nogueira, P.A.S. (Org.); FUNARI, P. P. A. (Org.); Collins, J.J. (Org.). *Identidades Fluidas no Judaísmo Antigo e no Cristianismo Primitivo*. 1. ed. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2010; FUNARI, P. P. A. La divination archaïque en Israel et la monolatrie jahviste. *Antigüidade Clássica*, v. 1, p. 60-69, 2008; FUNARI, P. P. A. Resenha de "Judaísmo", de Moacir Scliar. *Revista de Estudos Judaicos* (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 2003/4, n. 5, p. 166-167, 2005; FUNARI, P. P. A. Resenha de "Les Synagogues". *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, SP, v. 16, n. 26, 2002; FUNARI, P. P. A. Resenha de livro de Hayoun e Jarrassé. *Revista de Estudos Judaicos* (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 4, n. 4, p. 200-202, 2002.

³ Cf. <http://lattes.cnpq.br/0874094984512106>.

pesquisa do Jesus histórico⁴, considerado como personagem no interior do judaísmo antigo⁵.

A própria palavra parábola, contudo, é grega e remete a um contexto semântico, cultural e conceitual helênico⁶. Por outro lado, Mashal, “ser semelhante” (p. 67⁷), relaciona-se a nimshal, “aquilo que é semelhante” (p. 23), o sentido⁸, digamos.

Nas palavras de Peuzé:

“Passa-se de um aspecto ativo (o mashal que é a narrativa) ao se correspondente reflexivo-passivo: o nimshal, o que é colocado em parábola, o que é ‘parabolizado’” (p.29).

São, pois, termos de uma mesma forma narrativa, não havendo mashal sem nimshal, que se interpretam de forma mútua (p. 47). O gênero narrativo, portanto, é específico, no contexto do judaísmo antigo, como matéria de estudo (pp. 23-24), talmud (p. 67), midrash (p. 67), ensino a ser transmitido (agadá, p. 67, tradições homiléticas, agadot, p. 70). A parábola insere-se, desta forma, num conjunto de procedimentos de estudo e reflexão a partir do texto bíblico. Apresenta uma situação cotidiana e de fácil compreensão para o mais comum dos mortais (p. 73), daí sua popularidade e encanto, mas, ao mesmo tempo, consiste num procedimento exegético e crítico do comportamento das pessoas e das estruturas sociais, questionamento, nas palavras de Peuzé (pp. 67-70), até mesmo de caráter subversivo (p.78).

As parábolas rabínicas seguem uma estrutura em quatro partes (27):

1. Um versículo bíblico ou um dito de um sábio;
2. Um comentário (derashá) (derivado de derash, inquirir, buscar);
3. A parábola, mashal;

⁴ Jacobus Liebenberg, *The language of the Kingdom and Jesus: parable, aphorism, and metaphor in the sayings material*. Berlin, De Gruyter, 2001, p. 4; cf. David B. Gowler, *The contexts of Jesus' parables*, 2006, <http://www.baylor.edu/christianethics/ParablesArticleGowler.pdf>.

⁵ Cf. Geza Vermès, *Jesus the Jew*. Minneapolis, Fortress, 1973.

⁶ Parabolé, comparação, algo em lugar de outra coisa.

⁷ As páginas citadas no corpo do texto referem-se à dissertação de Pascal Jean André Roger Peuzé, *A parábola-metáfora na literatura rabínica. O mashal à luz dos trabalhos de Paul Ricoeur e Jonáh Fraenkel*, São Paulo, FFLCH-USP, 2011.

⁸ “The mashal-proper’s narrative is clearly dependent upon the nimshal, as story is dependent upon meaning”, David Stern, *Parables in Midrash, Narrative and exegesis in rabbinic literature*, Harvard, Harvard, University Press, 1994, p. 69.

4. O sentido ou *nimshal*

O estudo dos textos originais em hebraico permite perceber o jogo de palavras que não se pode preservar em traduções, como no caso do *mashal* do arrendatário, que se refere a Caim (Gn 4, 2b-5^a), traduzido por Peuzé como:

“Ao fim de certo tempo, Caim trouxe frutos da terra, uma oferenda ao Senhor” (Gn 4,3).

Frutos avariados.

Parábola de um arrendatário mau que comia as primícias e entregava ao rei os derradeiros.

“Ao fim de certo tempo” é reinterpretado como “ao fim do tempo da colheita”, daí que o fruto seja algo avariado (*psolet*) e que não sejam primícias, verdadeiras oferendas (de *mekhabed*, oferece, honra) (p. 55).

Para além disso, não se pode interpretar esses documentos senão por meio de modelos interpretativos que, de alguma maneira, remetem às nossas preocupações e considerações epistemológicas modernas, daí que a hermenêutica de Ricoeur e Fraenkel possam ser agenciadas de forma criativa (por oposição a uma abordagem linguística estruturalista, p. 9). Por esse meio, é possível propor a existência de níveis de complexidade interpretativa, que ultrapassam a aparente simplicidade das parábolas, assim como permite leituras variadas e mesmo contraditórias de suas mensagens. Tal com definida por Ricoeur⁹ a parábola ensina por meio de uma substituição que cria uma atribuição insólita. A compreensão, ou interpretação, da parábola depende, desta forma, não apenas do conhecimento dos originais, como do uso de um aparato metodológico moderno, como no caso da hermenêutica de Ricoeur.

A parábola remete, sempre, a situações e circunstâncias históricas determinadas, mas apresenta, ao mesmo tempo, uma ambiguidade que permite a sua transposição para outros contextos históricos e sociais. Assim, a referência ao reino perverso, no *mashal* da raposa e dos peixes, pode ser Roma, como pode ser Babilônia, ou qualquer outro poder opressor (p. 53). Roma é algo por demais transitório, diante da perenidade de uma potência discricionária de qualquer espécie, seja um reino (*malkhut*), seja qualquer outra forma de opressão (como poderia ser um pogrom).

⁹ “A parábola, parece-me, é a conjunção de uma *forma narrativa* e de um *processo metafórico*”, Paul Ricoeur, *A Hermenêutica Bíblica*, Trad. Paulo Meneses, São Paulo, Loyola, 2006, p. 134, citado por Peuzé, p. 12.

Dentre os aspectos a serem elogiados, cabe mencionar a apresentação do original hebraico das parábolas, com tradução e notas eruditas (pp. 80-87). Para concluir, convém lembrar que o aspecto mais impressionante da parábola consiste em condensar, a um só tempo, simplicidade, situações concretas do quotidiano mais corriqueiro e uma profundidade múltipla, variada e preta de sentidos (p.78). Ao lançar luzes sobre isso, Peuzé contribui, de forma original, para nosso conhecimento dessa pequena jóia judaica, cujos frutos espalharam-se por toda a trajetória da cultura ocidental.